

# Respeito e valorização à mulher negra

Amanda dos Santos Lemos

*Respect and appreciation for black woman*

## **RESUMO:**

Acreditamos que a mulher tem uma contribuição ímpar na formação de uma sociedade, especialmente, a negra que desde os mais remotos da sociedade brasileira contribui com sua força, seu trabalho e suas crenças, para a formação da mesma. Porém, nunca houve por parte da sociedade o reconhecimento da importância da mulher negra, subjugada e desvalorizada por sua condição de gênero e de raça, na formação da nossa cultura. Entretanto, de uns tempos para cá parece haver um modismo em torno da plástica da figura da mulher negra, cabelos afros e vestidos coloridos parecem ter conquistados espaço entre a elite branca dominante, mas é preciso que se entenda que isso não é moda, é identidade, auto reconhecimento, auto expressão, resistência. A ideia do modismo ou da comercialização dos signos identitários das negras, precisa ser desconstruída e (re)significada, como um movimento de resgate da nossa identidade, roubada há muitos anos, quando fomos forçadas a “embranquecermos” nossas peles e nossas almas.

*Palavras Chaves: Raça - Gênero - Identidade - Construção Social*

## **ABSTRACT:**

We believe that women have a unique contribution in the formation of a society, especially the most remote since the black of brazilian society contributes with his strength, his work, and his beliefs, to the formation of the same. However, there has never been the society's recognition of the importance of the black woman, subdued and devalued by their condition of gender and race, in the formation of our culture. However, for some time here there seems to be a fad around the figure of the plastic black woman, afro hair, colorful dresses seem to have conquered space between the white dominant elite, but we must understand that this is not fashion, identity, self recognition, self expression, resistance. The idea of a fad or the marketing of the signs of black identity need to be deconstructed and (re) meant, as a movement of rescuing our identity stolen many years ago, when we were forced to “embranquecermos” our skin and our souls.

*Key Words: Race-Gender-Identity-Social Construction*

## INTRODUÇÃO:

Eu sou negra, meus pais são negros, meus avós eram negros, meus tios, primos e demais parentes são negros. Mas, eu não tinha consciência disso. Talvez os homens de minha família tenham se reconhecido negros com mais facilidade que as mulheres, ao serem lembrados diariamente (de maneira pejorativa, é claro, mas, lembrados) pela polícia, nas entrevistas de emprego, nas suas ocupações laborais, mas, eu não. Minha mãe sempre fez de tudo para manter meu cabelo impecavelmente alisado, minhas amigas eram brancas, frequentei cursos de idiomas e formação complementar, estudei em boas escolas, sempre trabalhei em grandes empresas, sempre ouvi dizer que as religiões de matriz africana eram malignas. Cresci ao som do “show da Xuxa”, querendo ser “paqueta”, sonhava ter uma coleção de Barbies, lânguidas, magras, brancas. Cresci num universo que não me remetia à minha ascendência, ao povo que deu origem a minha família e a nossa história. Cresci com uma ideia distorcida de mundo, de identidade, ganhei minha primeira boneca negra ao completar 33 anos de idade, lutei muito contra a textura do meu cabelo, apesar de parecer estranho, nunca parei para pensar no significado político de ser a única negra em uma sala de aula ou nos espaços de trabalho, parafraseando outra negra, “durante a minha vivência enquanto mulher e negra, não vi apresentados a mim mulheres como eu sendo produtoras de conhecimento, protagonista de espaços de poder. Para mulheres como eu, só restava os subempregos e a clandestinidade”.

Esse é um relato pessoal, mas, certamente retrata a realidade de muitas meninas negras. Somos (ou fomos) criadas com uma falsa imagem, buscamos uma aceitação que nunca teremos, pois não somos assim, não nos parecemos e nem pareceremos com a Barbie por uma questão genética, ancestral, histórica, mas, ninguém nos diz porquê. Muitas meninas negras, como eu, tiveram sua identidade forjada sob signos e figuras que não as representavam, que não as remeteram a sua origem, a sua raça e ancestralidade tiveram roubada a sua essência, ao serem submetidas a dolorosas sessões de alisamento e branqueamento. Questionamos então, qual lugar é conferido a mulher e a estética negra? A “casa de família” ou a passarela do samba, mas, podemos ser mais que isso, certamente, somos muito mais do que isso.

A mulher negra vem ganhando espaço nas mídias, no mercado, na sociedade, mas, é preciso que se analise criteriosamente esse momento: será que estamos finalmente resgatando e assumindo nossa identidade? As ruas estão cheias de mulheres e homens negros com seus cabelos crespos e volumosos, bonecas negras já chegam as mãos de meninas negras, roupas, acessórios, turbantes tomam conta dos espaços historicamente ocupados pela cultura e os signos da raça branca, até mesmo o mercado nos enxerga como consumidoras em potencial.

Mas, o que parece ser um cenário positivo e promissor, pode acobertar o racismo e sexismo já conhecido de outrora. O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o respeito e valorização galgado a séculos pela mulher negra.

## O CONTEXTO HISTÓRICO

A sociedade brasileira constitui-se sobre os pilares do eurocentrismo<sup>1</sup>, do patriarcalismo<sup>2</sup>, do catolicismo e de todos os estereótipos de dominação e superioridade, importados da época da colonização do país. Desde sempre, que a sociedade europeia patriarcal, submete a mulher a um papel de submissão e subalternidade à figura inquestionável e inabalável do homem. Percebe-se que coube, a mulher, na trajetória histórica da sociedade um papel “menos nobre”, “menos político” que o do homem, o papel de reproduzir, cuidar e obedecer, tornando esse público vítima de sua própria condição natural, a sua cor e o seu sexo, considerados fraco e inferiores. Ao implementar-se essa perspectiva no Brasil, uma mera colônia de exploração de Portugal, o jugo do homem sobre a mulher fica mais acentuado, em especial a negra, que além de mulher e negra é vista como mercadoria, a ser comercializada para atendimento de homens brancos. Historicamente, essa mulher estará relegada a uma condição de aviltamento e expropriação de seu corpo e sua identidade ainda mais cruel que a mulher branca.

Os homens portugueses, frente à escassez de mulheres portuguesas, mantiveram relações sexuais com as indígenas e mulheres africanas que eram vistas como trabalhadoras e como objetos sexuais. No Brasil Colônia, as mulheres brancas tinham suas vidas restritas à igreja e a casa, eram estereotipadas como fracas, submissas, passivas e sem participação pública. Eram treinadas para o casamento e tolerar as traições do marido com as escravas (...). (BARRETO, p.65)

Além de serem usadas como objetos sexuais por senhores de escravos, as escravas também eram usadas como reprodutoras, com o intuito de aumentar, de maneira legal e barata, a mão-de-obra escrava. Para isso, escravos novos, fortes e com boa saúde eram tratados como reprodutores, que forçavam as negras a terem relações sexuais para que gerassem novos escravos, também bem-apanhados e saudáveis, que já nasceriam nas fazendas, acabando com os gastos e riscos da importação e viabilizando que esses fossem mais dóceis e receptivos a dominação.

---

<sup>1</sup>“A nossa moral, a nossa língua, os nossos direitos, e inúmeras outras coisas nossas, são de origem europeia. A Europa dominou a maior parte do mundo. Em 1922, só o Império Britânico dominava cerca de 458 milhões de pessoas, um quarto da população do mundo na época. E abrangeu mais de 33,7 milhões km<sup>2</sup>. Hoje não temos uma dominação militar como na época, mas temos uma dominação cultural, da qual os costumes, a arte, a moral etc., são todos importados dos países ditos de primeiro mundo, para os nossos. Esse é o chamado Neocolonialismo, uma nova forma de se colonizar. Essa centralização do polo mundial político e econômico é o chamado Eurocentrismo. O nosso mundo tem como o seu centro dominante, a Europa”.

<sup>2</sup>Patriarcalismo pode ser definido como uma estrutura sobre as quais se assentam todas as sociedades contemporâneas. É caracterizado por uma autoridade imposta institucionalmente, do homem sobre mulheres e filhos no ambiente familiar, permeando toda organização da sociedade, da produção e do consumo, da política, à legislação e à cultura. Nesse sentido, o patriarcado funda a estrutura da sociedade e recebe reforço institucional, nesse contexto, relacionamentos interpessoais e personalidade, são marcados pela dominação e violência. (BARRETO, p.64)

O homem preto foi utilizado como reprodutor, vitimando a mulher preta. Estupro forçado pelos senhores e senhoras brancos cristãos. Não somente escravizados foram usados para a reprodução, muitos senhores violentavam as escravizadas, entre eles, padres.

A escravidão não havia a conceituação que temos hoje de estupro ou de violações, para o escravizador, os escravizados eram bens móveis sub-humanos, não possuíam direitos e eram considerados coisas, propriedades.

Alguns fatores podem ser pontuados para a prática da reprodução, sendo bom ressaltar que uma mulher escravizada tinha o valor de dois homens escravizados, porque ela além de exercer os trabalhos nas plantações, minas, serviços de ganho nas cidades, o serviço doméstico, prostituição forçada por senhoras de boas famílias e freiras católicas, gerava mão de obra gratuita e lucro para o escravizador.<sup>3</sup>

O estudo da história dimensiona o horror a que a mulher negra foi submetida, imaginar tamanha brutalidade e violência é revoltante, causa horror e compaixão. Talvez nos horrores da escravidão encontremos a explicação para a anulação dos elementos constitutivos da identidade negra, o que não significa dizer que as mulheres negras negam sua descendência racial, mas, buscam ser diferente a fim de serem aceitas ou menos violadas.

Para mulheres negras, a quem o estupro diz respeito, raça precedeu questões de gênero. Somos ensinadas que nós somos primeiramente negras, e então mulheres (...). Mulheres negras sobreviveram, mantendo silêncio, não apenas por vergonha, mas por uma necessidade de preservar a raça e sua imagem.<sup>4</sup>

Desde a época da escravidão há registros sobre a luta da mulher negra por sua emancipação e emponderamento. Quem não conhece Dandara, a guerreira negra, mulher de Zumbi dos Palmares, que guerreou ao seu lado para defender os negros e o Quilombo de Palmares? Pois é, quase ninguém conhece ou ouvi falar sobre Dandara, ícone para a representatividade histórica da mulher negra.

Quilombo dos Palmares ainda menina. Não era muito apta só aos serviços domésticos da comunidade, plantava como todos, trabalhava na produção da farinha de mandioca, aprendeu a caçar, mas, também aprendeu a lutar capoeira, empunhar armas e quando adulta liderar as falanges femininas do exército negro palmarino. *Dandara foi uma das provas reais da inverdade do conceito de que a mulher é um sexo frágil.* (Grifos nossos.)

<sup>3</sup>Disponível em <http://cnnba.blogspot.com.br/2014/06/escravidao-e-reproducao-mulher-preta-e.html>. Acessado em 30 de set. de 2015.

<sup>4</sup>Dados disponíveis em: <http://blogueirasnegras.org/2014/01/22/para-mulheres-negras-a-quem-o-estupro-diz-respeito-raca-precedeu-questoes-de-genero/>. Acessado em 03 de out. de 2015.

Observamos como a nossa história é subtraída, é omitida, Dandara é uma heroína negra, mas, muitas negras nunca souberam e, talvez, nunca saberão que um dia ela existiu. Toda menina negra tem o direito de conhecer a história de Dandara, de se inspirar nela, de resistir e lutar como ela. Mas, esse direito lhe é negado, quando desconhecemos sua existência, os próprios historiadores afirmam, “não sabemos como era seu rosto, nem como era exatamente”.

A abolição da escravatura e, posteriormente, a industrialização do país, obriga a mulher negra a buscar sua inserção no mundo do trabalho, saindo do espaço privado de seu lar. Mas buscar sua inserção no mercado de trabalho, não significou alcançar sua emancipação. Assim como no período da escravidão, os trabalhos disponíveis para as negras são serviçais, subalternos e mal remunerados. Infelizmente, os grilhões da escravidão ainda aprisionam as mulheres negras a submundo de inferioridade e desrespeito, onde precisam comprovar, diariamente, suas capacidades e habilidades.

Ser mulher e ser negra no Brasil significa está inserida num ciclo de marginalização e discriminação social. Isso é resultado de todo um contexto histórico, que precisa ser analisado na busca de soluções para antigos estigmas e dogmas.  
(...)

Ascender socialmente é algo muito difícil para a mulher negra, são muitos obstáculos a serem superados. O período escravocrata deixou como herança o pensamento popular, em que, elas só servem para trabalhar como domésticas ou exibindo seus corpos.

As que se destacam, tiveram que provar mais vezes do que as mulheres brancas a sua competência, por isso, é que é possível afirmar que a questão de gênero é um complicador, mas se esta for somada a questão de raça, o resultado é maior exclusão e dificuldades. Analisando dados de pesquisas realizadas pelo DIEESE e outros órgãos, é possível verificar que o preconceito resulta em salários mais baixos para os negros em relação aos brancos, incluindo o item gênero, inferi-se que o homem negro ocupa um patamar abaixo do da mulher branca quanto ao rendimento salarial. Mas as mulheres negras se encontram ainda mais abaixo na pirâmide ocupacional. (SANTOS, 2009, p.03)

A cor da pele ou a textura do cabelo não deveria em tempo algum e em nenhuma sociedade, ser indicador de competência e habilidade de ninguém, mas, infelizmente é. As estatísticas comprovam que as oportunidades para negros/as são restritas e, claro, que no caso das mulheres, elas (as oportunidades) são ainda mais restritas e direcionadas. Uma sociedade racista e machista restringe as oportunidades, sentenciando o negro ou a negra a uma determinada ocupação espaço-temporal-cultural submissa e marginal.

Hoje, as mulheres negras conseguiram alcançar algumas vitórias, subindo alguns degraus na busca pela igualdade. Fizeram conquistas importantes no que diz respeito a direitos e participação, mesmo assim, ainda é uma parcela mínima de mulheres negras que desfrutam de direitos fundamentais, como educação. O estereótipo da “mulata tipo exportação” ou da “negrinha serviçal” ainda é forte, mesmo assim, algumas conseguiram ascender, alcançando patamares inimagináveis, sendo reconhecidas por suas competências e habilidades, ocupando postos de trabalho nas mais altas hierarquias institucionais.

Mas, ainda há naturalidade na prática do racismo e do sexismo<sup>5</sup>; a erotização e a estereotipação da mulher negra são muito presentes ainda, rotulando-a sempre como “sem valor” ou como “objeto sexual”. Uma marchinha de carnaval de 1955, já dizia:

O teu cabelo não nega, mulata  
 Porque és mulata na cor  
 Mas como a cor não pega, mulata  
 Mulata, eu quero o teu amor

Percebe-se claramente o desprezo pela cor da pele da mulata, que só serve para uso do homem, porque sua “cor não pega”. Mais de 50 anos depois, outra música de gosto muito duvidoso, achincalha com a estima e imagem da mulher negra. O excelentíssimo deputado federal Francisco Everardo Oliveira Silva, vulgo Tiririca, compôs a música “Veja os cabelos dela”:

(...) Veja veja veja veja veja os cabelos dela  
 Parece bom-bril, de ariá panela  
 Parece bom-bril, de ariá panela  
 Quando ela passa, me chama atenção  
 Mas os seus cabelos, não tem jeito não  
 A sua catunga quase me desmaiou  
 Olha eu não aguento, é grande o seu fedor<sup>6</sup>

Embora a gravadora tenha sido processada e condenada por discriminação racial, a letra de “veja os cabelos dela”, ilustra a natural desvalorização da cultura e da estética negra. Bem verdade, que ao ser proferida a sentença de condenação pela gravação de tamanho insulto, a sociedade brasileira dá pequenos sinais de mudança, de reparação por tantas injúrias e ofensas gratuitas. Hoje caminhamos na direção da (re)valorização da estética e da mulher negra, da (re)descoberta de sua força e capacidade, do resgate de sua história e identidade.

<sup>5</sup>Os paralelos entre sexismo e racismo são nítidos e claros. Cada um deles incorpora falsas suposições sob a forma de mito. E, assim como o racista é aquele que proclama, justifica ou pressupõe a supremacia de uma raça sobre outra, da mesma forma, o sexista é aquele que proclama, justifica ou pressupõe a supremacia de um sexo (adivinha qual) sobre o outro. (KERNER; TAVOLARI: 2012)

<sup>6</sup>O Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro avaliou como racista a letra da música Veja os Cabelos Dela, de autoria do deputado federal Tiririca. A decisão condena a gravadora Sony, detentora dos direitos autorais da música, a pagar indenização de 1,2 milhão de reais. A ação foi movida por dez organizações não governamentais que lutam contra o racismo. As entidades alegaram que trechos da música são ofensivos aos negros. (...)

De acordo com o advogado Humberto Adami, que defendeu as entidades no processo, o valor é o mais alto já pago a uma indenização por ato racista. “A quantia é pequena ainda se comparada com outros segmentos de danos morais, como injúria e difamação.” (Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/entretenimento/justica-condena-gravadora-por-racismo-em-musica-de-tiririca/>. Acessado em 05 Jul. de 2015)

## A INSERÇÃO DA MULHER NEGRA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

A luta da mulher negra é diária, árdua e invisível, uma vez que muitos dizem: “não há racismo no Brasil”. Submetida por longos e tenebrosos anos a cultura branca “superior” e a violações de seu corpo e sua alma, a mulher negra perseverou, buscando espaços, reconhecimento e valorização por parte da sociedade, de outros negros, do Estado. Hoje temos mulheres negras em posições expressivas na sociedade, temos um Ministério das Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos, comandado por uma mulher negra, temos negras nos meios de comunicação, nas empresas, na moda. Claro que ainda não somos maioria, mas, chegamos lá; virmos gradativamente deixando o lugar de subserviência a que nossa figura vem historicamente associada, retornando ao lugar usurpado pelo tráfico de negros/as para escravidão, pelo racismo, pela ignorância dos que insistem em afirmar que somos inferiores, incapazes.

Hoje, nos vemos representadas em mulheres negras bem-sucedidas em suas carreiras profissionais, reconhecidas sem precisarem escamotear sua ascendência, sua origem, sua negritude e “representatividade importa”! É claro, que esse número ainda é ínfimo, a maioria das negras continuam na invisibilidade, com baixa escolaridade e em empregos subalternizados e mal remunerados, mas, a situação a que a mulher negra esteve relegada trata-se de um problema histórico, cultural, político. Precisaremos de anos de investimento, luta e resistência para efetivamente alcançarmos respeito e a igualdade que nos é devida.

Viola Davis é uma atriz norte americana, mundialmente conhecida. Viola é uma mulher de seus 50 e poucos anos, inteligente, vibrante, talentosa. Porque a cito aqui? Porque ela é negra e, essa negra ganhou nos últimos meses uma importante premiação da televisão norte americana, o Emmy Awards<sup>7</sup>, tornando-se “a 1ª mulher negra a ganhar o prêmio de melhor atriz em série dramática, em 67 anos de existência do prêmio”<sup>8</sup>. Em seu célebre discurso, a atriz se imortalizou na luta pela valorização da mulher negra ao dizer:

‘Em meus sonhos e visões, eu via uma linha, e do outro lado da linha estavam campos verdes e floridos e lindas e belas mulheres brancas, que estendiam os braços para mim ao longo da linha, mas eu não poderia alcançá-las’, (...) Deixem-me dizer uma coisa: a única coisa que separa as mulheres de cor de qualquer outra pessoa é a oportunidade. Você não pode ganhar um Emmy por papéis que simplesmente não existem.

Viola, não poderia ter usado palavra mais apropriada em seu emocionante discurso, a palavra *oportunidade*, “do latim *opportunitate* que representa a qualidade de oportuno, significando também uma **ocasião favorável, ensejo, conveniência**”<sup>9</sup>, essa é a palavra que sintetiza o que acontece com o povo negro, a negação de oportunidades. “*Uma oportunidade é vista como um acontecimento oportuno capaz de melhorar o estado*

<sup>7</sup> O Emmy é um prêmio atribuído a programas e profissionais de televisão. É equivalente ao Oscar (para o cinema), o Tony Award (para o teatro), e aos Prêmios Grammy (para a música). (Disponível em: [https://www.google.com.br/?gfe\\_rd=cr&ei=7vAHVtPrEIGk8wekkrzYBg&gws\\_rd=ssl#q=o+que+%C3%A9+Emmy+Awards](https://www.google.com.br/?gfe_rd=cr&ei=7vAHVtPrEIGk8wekkrzYBg&gws_rd=ssl#q=o+que+%C3%A9+Emmy+Awards). Acessado em 27 de set. de 2015.)

<sup>8</sup> Disponível em: <http://www.geledes.org.br/viola-davis-e-a-primeira-negra-a-ganhar-o-premio-de-melhor-atriz-no-emmy-e-faz-discurso-emocionante/#gs.pYgigkc>. Acessado em 27 de set. de 2015.

<sup>9</sup> Disponível em: <http://www.significados.com.br/opportunidade/>. Acessado em 27 de set. de 2015.

*atual de um indivíduo, uma situação nova que traga benefícios*”. O que falta à mulher negra é oportunidade, oportunidade para ser negra, oportunidade para mostrar suas qualidades, oportunidade para mostrar a todos o quanto é capaz de fazer qualquer coisa que desejar, oportunidade para *ser*.

A luta da mulher negra no Brasil e pelo mundo é para ter oportunidades, oportunidades negadas pela escravidão, pela ignorância e perversidade humana, por uma sociedade excludente e injusta. Historicamente, muitas oportunidades foram roubadas do povo negro, oportunidade de ser negro inclusive. Tendo sempre seus signos, ritos e crenças estereotipados, marginalizados, perseguidos, sendo empurrado para um processo de embranquecimento, de expropriação de seu eu. Quando associamos a questão de raça o gênero a situação fica mais difícil, pois, esse segmento será duplamente estigmatizado por sua raça e sua “fragilidade”.

Valdenice Raimundo, negra, jovem, professora do curso de Serviço Social, da Universidade Católica de Pernambuco teve a oportunidade de mostrar suas qualidades e ser reconhecida por tal, recebeu a honraria de integrar a Academia Vitoriense de Letras, Artes e Ciências, em Vitória de Santo Antão. Mais uma vitória para todas as mulheres negras, que podem se ver representadas na conquista de Valdenice, que declarou:

Está sendo uma experiência nova para mim e eu fico muito feliz por ter, na minha cidade, conquistado esse espaço, que é novo, e isso me deixa muito feliz. Tem uma coisa muito interessante.

Na minha trajetória, eu nunca imaginei que fosse ocupar esses espaços na minha cidade. Eu acho interessante e importante por conta da minha trajetória de vida: a filha de um operário, uma mulher negra com muitas dificuldades para acessar a formação, a acessa e, num determinado momento consegue esse espaço. É importante porque é como um anúncio de que outras pessoas, outras mulheres, outros homens, negros, vindos das classes populares com esse histórico, podem futuramente estar nesses espaços, que não têm dono.<sup>10</sup>

As oportunidades dadas não passaram incólumes. A ascensão da mulher negra, há de incomodar os retrógrados racistas, que não querem que as negrinhas deixem a casa grande. Contrariando todos os prognósticos a jornalista Maria Júlia Coutinho, negra, jovem e talentosa, tornou-se a “*moça do tempo*”, do maior telejornal do país. Foi alvo de ignorantes marginais que praticaram, contra sua competência e ascensão, crimes motivados por racismo e injúria racial<sup>11</sup>. A jornalista foi duramente atacada na internet por sua condição de raça e gênero, claramente inferiorizada, por sua condição de raça e gênero. Mesmo diante da indignação e mal-estar causados por atitudes vis como essa, devemos analisar o episódio de maneira crítica.

<sup>10</sup> Disponível em: <http://www.unicap.br/assecom1/?p=55734>. Acessado em 04 de out. de 2015.

<sup>11</sup> A injúria racial está tipificada no artigo 140, § 3º do Código Penal Brasileiro e consiste em ofender a honra de alguém com a utilização de elementos referentes à raça, cor, etnia, religião ou origem.

Nas palavras de Celso Delmanto, “comete o crime do artigo 140, § 3º do CP, e não o delito do artigo 20 da Lei nº 7.716/89, o agente que utiliza palavras depreciativas referentes a raça, cor, religião ou origem, com o intuito de ofender a honra subjetiva da vítima” (Celso Delmanto e outros. Código Penal comentado, 6ª ed., Renovar, p. 305).

Já o crime de racismo, previsto na Lei 7.716/89, implica em conduta discriminatória dirigida a um determinado grupo ou coletividade. Considerado mais grave pelo legislador, o crime de racismo é imprescritível e inafiançável, que se procede mediante ação penal pública incondicionada, cabendo também ao Ministério Público a legitimidade para processar o ofensor. (Disponível em: <http://www.mpdft.mp.br/portal/index.php/conhecampdf-menu/nucleos-menu/ncleo-de-enfrentamento-discriminacao-ned-mainmenu-130/3047-injuria-racial-x-racismo>. Acessado em 05 de jul. de 2015)

Práticas racistas e sexistas, são mais comuns do que possamos mensurar, esse episódio é apenas sintoma da sociedade racista, discriminatória, doente em que vivemos. “Ser mulher e negra no Brasil significa está inserida num ciclo de marginalização e discriminação social”. (SANTOS, 2009)

Viola, Valdenice e Maria Júlia não são únicas, porém, ainda são minoria, a minoria que teve acesso a oportunidades. Mas, também são exemplos de que mulheres negras, apesar de todas as desigualdades a que estão submetidas, são capazes de fazer e ser tudo aquilo que desejarem, incluindo terem sucesso e romperem com o ciclo de dominação e inferiorização a que as negras são predestinadas desde seus nascimentos.

A articulação entre o sexismo e o racismo incide de forma implacável sobre o significado do que é ser uma mulher negra no Brasil. A partir do racismo e da consequente hierarquia racial construída, ser negra passa a significar assumir uma posição inferior, desqualificada e menor. Já o sexismo atua na desqualificação do feminino. (BRASIL, 2008)

A realidade está posta, pense rápido: diga um símbolo social que represente a identidade da mulher negra? Faltam exemplos. As estatísticas estão postas, a realidade diz a mulher negra ganha menos, morre mais, casa menos. Ser mulher e negra, é como carregar uma chaga, uma marca que determina o que você é e o que pode fazer, até onde pode ir. Marias Júlias ou Violas incomodam por que, mesmo negras, conseguiram chegar onde quiseram, onde suas competências (que não de depende da cor da pele) as levaram, tiveram e aproveitaram suas *oportunidades*, não aceitaram a predestinação imposta pela sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É difícil sintetizar as reflexões feitas aqui. Ao falarmos das condições as quais as mulheres negras ao longo dos anos foram submetidas vemos que a questão racial associada a questão de gênero é extremamente perversa. Ser negra é resistir a todo momento, da vida pessoal à profissional, vivenciamos diariamente uma luta. Mas, felizmente nossa luta não tem sido infundada, vimos alcançando vitórias significativas no que diz respeito a nossa identidade, a nossa inserção social, (...) “as mulheres negras e as mulatas que em geral, sofrem de tripla discriminação: sexual, social e racial. Portanto tudo o que se coloca como problemático para a população negra atinge especialmente as mulheres”. (VALENTE, 1994)

Aprendemos que essa é uma questão política, social, cultural, logo, precisa ser enfrentada de maneira coletiva, politizada, organizada para que efetivamente as mulheres negras acessem as oportunidades que tem direitos, enquanto sujeitos sociais, históricos, autônomos.

Falar da situação da mulher negra é mais que falar sobre raça ou racismo, é falar sobre uma parcela da população que é estigmatizada em seu nascimento, que reúne em uma só existência, vários elementos perseguidos e discriminados pela sociedade. É preciso estudar essa questão com critérios e criticidade, não devemos vitimizá-las ou subestimá-las, porém devemos analisar a questão exaustiva e criteriosamente.

Porém, mesmo tendo muitas oportunidades negadas, estamos aí, galgando e conquistando nosso espaço, o respeito e valorização a que temos direito.

# Referência Bibliográfica

## **RESPEITO E VALORIZAÇÃO À MULHER NEGRA**

CARNEIRO, Sueli. *Mulheres em movimento: Estudos Avançados*, São Paulo, nº 49.2003,126 p.

GIACOMINI, S.M. *Mulher e escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil*. Rio de Janeiro, Vozes, 1988.66 p.

VALENTE, Ana Lúcia E. F. *Ser Negro No Brasil Hoje*. 11 ed. São Paulo: Moderna, 1994.